



RELICI

**PROBLEMATIZAÇÃO DOS ATRIBUTOS ESTEREOTIPADOS E GORDOFÓBICOS
PRESENTES NA OBRA CINEMATOGRÁFICA *SHALLOW HAL* (O AMOR É
CEGO): UMA ANÁLISE FÍLMICA¹**

*PROBLEMATIZING THE STEREOTYPE AND FAT-PHOBIC ATTRIBUTES
PRESENT IN THE CINEMATOGRAPHIC WORK *SHALLOW HAL*: A FILM
ANALYSIS*

Jadisson Gois Da Silva²

Cristiano Mezzaroba³

RESUMO

O estudo ora apresentado versa sobre os atributos estereotipados e, sobretudo, gordofóbicos presentes na sociedade. Desse modo, tendo em vista a potência que os filmes têm enquanto ferramenta pedagógica inovadora para discussão de temáticas que são pertinentes acerca do processo formativo de sujeitos críticos e reflexivos, principalmente quando inclina para o horizonte das realidades sociais e educacionais, como é o caso da falta de um ambiente escolar que reconheça, valorize e respeite as diversidades existentes, objetivou-se identificar e problematizar os atributos estereotipados e gordofóbicos presentes na obra cinematográfica *Shallow Hal* – “O amor é cego” (EUA, 2001), como ferramenta pedagógica sob o viés da análise fílmica. Trata-se de uma pesquisa de cunho descritivo-exploratório, de caráter qualitativo. Contudo, teve como percurso metodológico a análise de conteúdo segundo a proposta de Manuela Penafria (2009). Além disso, ancorou-se na Teoria Histórico-Cultural de Vigotsky. Embora os estudos de Vigotsky não tematizaram a gordofobia, sua construção teórica se torna crucial no sentido de percorrer o caminho histórico para entender as concepções atuais do corpo e suas compreensões. Outro suporte teórico utilizado nas análises é o de Georges Vigarello, que discorre sobre a história da obesidade em “*As metamorfoses do gordo*” e Erving Goffman frente a questão do estigma social. Desse modo, foi passível de constatação diversos atributos estereotipados e gordofóbicos presentes na obra cinematográfica investigada, em que

¹ Recebido em 21/02/2022. Aprovado em 23/02/2022.

² Universidade Federal de Sergipe. jadissoned.fisica2014@outlook.com

³ Universidade Federal de Sergipe. Cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br



RELICI

101

o corpo gordo é depreciado e visto como anormal/inadequado e que não corresponde aos paradigmas da sociedade vigente. Assim, a película em questão possibilita pertinentes discussões acerca da “epidemia do culto ao corpo” que a sociedade e a mídia têm reconhecido e valorizado, além de oportunizar análises críticas acerca das realidades sociais concretas sobre o processo de estigmatização e exclusão que as pessoas gordas experienciam nos diversos contextos sociais e, inclusive, na própria instituição escolar.

Palavras-chave: gordofobia, obesidade, cinema, estigma social, escola.

ABSTRACT

The study presented here deals with the stereotyped and, above all, fat-phobic attributes present in society. Thus, in view of the power that films have as an innovative pedagogical tool for the discussion of themes that are relevant about the formative process of critical and reflective subjects, especially when it leans towards the horizon of social and educational realities, as is the case of lack of a school environment that recognizes, values and respects the existing diversities, the objective was to identify and problematize the stereotyped and fat-phobic attributes present in the cinematographic work *Shallow Hal* (USA, 2001), as a pedagogical tool under the bias of film analysis. This is a descriptive-exploratory research, with a qualitative character. However, its methodological approach was content analysis according to the proposal of Manuela Penafria (2009). Furthermore, it was anchored in Vygotsky's Cultural-Historical Theory. Although Vygotsky's studies did not thematize fat-phobia, his theoretical construction becomes crucial in the sense of following the historical path to understand current conceptions of the body and their understandings. Another theoretical support used in the analysis is that of Georges Vigarello, who discusses the history of obesity in “The metamorphosis of the fat” and Erving Goffman on the issue of social stigma. Thus, it was possible to verify several stereotyped and fat-phobic attributes present in the investigated cinematographic work, in which the fat body is depreciated and seen as abnormal/inadequate and that it does not correspond to the paradigms of current society. Thus, the film in matter enables relevant discussions on the “epidemic of the cult of the body” that society and the media have recognized and valued, in addition to providing critical analysis about the concrete social realities of the process of stigmatization and exclusion that fat people experience in different social contexts and even in the school institution itself.

Keywords: body, fatphobia, cinema, social stigma, school.



RELICI

INTRODUÇÃO

Há um século nos países ocidentais desenvolvidos, os gordos eram amados; hoje, nos mesmos países, amam-se os magros e odeiam os gordos. Existe um pavor social em engordar (FISCHLER, 1995, p. 69).

O corpo é central no contexto das mais diversificadas ciências e campos epistemológicos, uma vez que o existir humano se outorga a partir do corpo – o corpo é o eixo pelo qual nos utilizamos para vivenciar o mundo, para existir neste mundo (SILVA, 2017). No entanto, variados discursos, em tempos também distintos, constituem a obesidade e, infelizmente, nos fazem visualizar os sujeitos a partir daquilo que seria considerado como “referência padrão”, classificando-os. Diante ao exposto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica a obesidade como o acúmulo excessivo de gordura corpórea no indivíduo. Para o diagnóstico em adultos, o parâmetro estipulado pela OMS é o *body mass index* ou índice de massa corporal (IMC), obtido a partir da relação entre peso corporal (kg) e estatura (m)², que identifica o peso considerado normal quando o resultado do cálculo do IMC está entre 18,5 e 24,9 (WHO, 1998).

No Brasil, o Ministério da Saúde demonstra, por meio dos resultados da pesquisa realizada pela “Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico” (VIGITEL), que o sobrepeso e a obesidade vêm crescendo cada vez mais e em ritmo abrupto (BRASIL, 2018). Ainda segundo os dados da pesquisa, mais da metade da população está com sobrepeso e quase um em cada cinco brasileiros encontra-se em algum grau de obesidade. A pesquisa revela também que a obesidade cresceu 60% em onze anos, passando de 11,8% em 2006 para 18,9% em 2017. Com relação ao sobrepeso, os dados indicam que ele também cresceu, passando de 42,6% em 2006 para 54% em 2017. Frente ao exposto, constata-se que o sobrepeso já ultrapassa mais da metade dos adultos que residem em todas as capitais do país (BRASIL, 2018).



RELICI

Outra pesquisa, realizada no âmbito escolar na população adolescente brasileira, em conjunto com o Ministério da Saúde, apontou que existe um risco de sobrepeso e obesidade mais elevado entre os adolescentes das famílias mais pobres (CONDE *et al.*, 2018). Esse perfil é característico das sociedades marcadas pela desigualdade socioeconômica e está associado a piores indicadores de saúde para toda a sociedade, com menor acesso a serviços sociais e de saúde para os mais pobres (CONDE *et al.*, 2018; IBGE, 2016).

Diante desta realidade, verifica-se que o sobrepeso e a obesidade têm se apresentado como um problema de saúde pública e, não menos importante, como uma questão de grande relevância social. Entretanto, embora se reconheça nisso um “problema”, não deve ser visualizada a partir do viés da patologização⁴ e, muito menos, da culpabilização⁵ dos sujeitos, ou seja, tal problemática, deveria levar em consideração as individualidades de cada sujeito, as questões socioeconômicas, ambientais e culturais.

Nessa linha de pensamento, destaca-se que é possível identificar na atualidade uma grande problemática em relação ao sobrepeso e a obesidade para além da perspectiva do modelo biomédico em saúde, que é justamente o surgimento de uma sociedade lipofóbica⁶, que supervaloriza a magreza e rejeita o corpo que apresenta algum grau de sobrepeso (SUDO; LUZ, 2007). É importante, portanto,

⁴ O conceito de patologização remete a um processo semelhante ao da medicalização, focando na atribuição de status de doença a problemas da vida cotidiana (CHAGAS; PEDROZA, 2016).

⁵ A culpabilização parte do pressuposto de que a pessoa não está apenas doente por ser gordo/a, mas, também é culpado/a por isso. Segundo Paim e Kovaleskib (2020, p. 5), “[...] quando o indivíduo não alcança e ameaça o tipo ideal de corpo, sua atitude é entendida como negligência e é produzida uma forte exclusão social em relação aos corpos gordos, que são discriminados, rejeitados e culpabilizados”.

⁶ A lipofobia é uma terminologia utilizada para referenciar a rejeição sistematizada de gordura e o medo de engordar (ARNAIZ, 2014). “[...] Ela repercute também na vida dos indivíduos com peso considerado ‘normal’, mas que se apresentam em um corpo que está em desacordo com o padrão estético magro socialmente aceito” (PEREIRA, 2019, p. 13).



RELICI

104

mencionar que o corpo gordo⁷, ao contrário do obeso, não é considerado doente, ele apresenta em seu corpo atributos que fazem com que ele seja diferente dos demais, apresentando-se com características que estão em disparidade com os paradigmas do que é considerado como um “corpo belo” que está relacionado à magreza e, com isso, o “corpo gordo” é vítima do estigma social⁸ promovido pela sociedade (ALMEIDA; SANTIAGO; SANTOS, 2015).

Carrilho (2013), nos alerta que tal estigma afeta a percepção da imagem corporal do corpo gordo, o que condiciona de forma negativa a sua autoimagem e autoestima, afetando drasticamente a saúde mental, além de influenciar os seus sentimentos e comportamentos, os quais afetam negativamente o seu dia a dia, repercutindo nas suas interações sociais. De acordo com Goffman (1988, p. 12), o estigma é um atributo ou característica do indivíduo que “[...] o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca”.

Outro fato, que merece destaque, está intimamente relacionado aos discursos midiáticos em que, segundo Pereira (2019, p. 24), “[...] o corpo que a mídia impõe como o “modelo perfeito”⁹ é tido pela sociedade como norma e padrão corporal a ser seguido”. A forma como os espaços midiáticos tratam as representações do corpo

⁷ O termo “gordo” não será utilizado como uma forma de descaracterizar e até mesmo de excluir o indivíduo com sobrepeso, mas sim, com o propósito de representar o indivíduo em estudo, sem evidenciar os fatores biológicos, associados à patologia da obesidade (PEREIRA, 2019).

⁸ Conforme Freitas (2014, p. 5), “[...] Desde a Grécia antiga, o termo estigma (*stigma*) significa marca, sinal, cicatriz. A percepção do estigma como um sinal visível de segregação tem sido usada desde então. Criminosos, escravos, párias sociais, doentes, pessoas pertencentes a um grupo dominado, foram forçados a usar em vários períodos históricos, algum sinal relativo à sua condição quando este não era presente”.

⁹ É produto de determinações estéticas e não tem uma relação direta com o corpo considerado saudável pelo discurso médico/clínico. Compreende-se o corpo perfeito a imagem de corpo que a mídia produz e dissemina como sendo o ideal a ser seguido, ou seja, um corpo magro, atlético, com medidas específicas que diferem para cada gênero, sem marcas de envelhecimento, sem pelos, etc. (CAETANO, 2018).



RELICI

105

“perfeito” fazem com que os sujeitos que não se “enquadram” a essa forma de idealizar os corpos, sejam constantemente vítimas de preconceitos¹⁰ e, por vezes, vem à tona a questão da exclusão social.

Caetano (2018) também nos chama atenção ao pontuar que, na maioria das redes sociais virtuais, surgiram comunidades denominadas *fitness*, nas quais, as pessoas passaram a exibir seus corpos que foram modificados a partir de dietas hipocalóricas combinadas com uma frequência sistematizada de exercícios físicos. Além disso, dão e recebem dicas de alimentação e treinos, além de excessivamente compartilhar testemunhos de pessoas que conseguiram “vencer a obesidade” e destacar em seus relatos as mudanças, sempre positivas, que o emagrecimento resultou em suas vidas.

Contudo, tanto os relatos, como grande parte dos *posts* produzidos nesses espaços, contribuem para produzir e “alimentar” um imaginário com atributos estereotipados, corroborando para ascensão da prática de gordofobia¹¹ (CAETANO, 2018). Souza e Gonçalves (2021) consideram que a prática de gordofobia é apreendida como signos, dando sentidos e significados negativos ao sujeito gordo/a e isso, infelizmente, acontece em várias esferas sociais, inclusive no espaço escolar, afetando principalmente o sexo feminino e o desenvolvimento das funções psíquicas das/os alunas/os.

Neste ponto, verifica-se a notória importância de se trabalhar no âmbito educacional temáticas que são relevantes na formação de sujeitos críticos e reflexivos acerca das estruturas sociais injustas presentes na vida em sociedade. Considerando-

¹⁰ “O preconceito é uma atitude negativa, com relação a um grupo ou uma pessoa, baseando-se num processo de comparação social em que o grupo do indivíduo é considerado como ponto positivo de referência” (JONES, 1972 *apud* PEREIRA, 2019, p. 18).

¹¹ Segundo Rangel (2018, p. 19), a palavra gordofobia “[...] é utilizada para denominar o preconceito, estigmatização e aversão englobados por meio de uma opressão estrutural na sociedade que atinge as pessoas gordas”.



RELICI

se que a/o professora/or tem importante papel e real responsabilidade em relação ao processo de aprendizagem de seus alunos/as, torna-se extremamente importante que esteja atento para identificar o mais rápido possível qualquer problema que possa comprometer o aprendizado dos sujeitos (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014).

Isto posto, a/o professora/or poderá se utilizar de ferramentas pedagógicas que promovam a inclusão de todas/os, independentemente de suas especificidades, como por exemplo, aqueles/as que são vítimas de práticas gordofóbicas. Nesta perspectiva, o cinema enquanto espaço de ensino e aprendizagem, produz conhecimentos e pode ser considerado um aparato sociocultural comprometido com a transformação da comunidade escolar. Além disso, “[...] no contexto da mídia-educação¹², pode ser entendido a partir de diversas dimensões – estéticas, cognitivas, sociais e psicológicas – inter-relacionadas com o caráter instrumental, educar com e para o cinema, e com o caráter de objeto temático educar sobre o cinema” (FANTIN, 2007, p. 1).

Não obstante, em 26 de junho de 2014, foi aprovado o acréscimo do parágrafo 8º ao Artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9394/96), que estabelece: “[...] a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais”. Desta forma, ao trabalhar com filmes, é possível realizar intersecções do dia a dia com as abordagens cinematográficas. Napolitano (2008) *apud* Rudek, Santos e Hermel (2019), discute essa relação como sendo um desafio:

É preciso que a atividade escolar com o cinema vá além da experiência cotidiana, porém sem negá-la. A diferença é que a escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada,

¹² “A mídia-educação é uma condição de educação para a “cidadania instrumental e de pertencimento”, para a democratização de oportunidades educacionais e para o acesso e produção de saber, o que contribui para a redução das desigualdades sociais” (FANTIN, 2011, p. 28).



RELICI

107

incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar (RUDEK; SANTOS E HERMEL, 2019, p. 93).

Desse modo, ao trabalhar com obras cinematográficas, o professor/a estará oportunizando a aprendizagem a partir de uma ferramenta pedagógica inovadora, pois não se resume, simplesmente, em exibir os filmes, muito pelo contrário, a ideia se inclina para o horizonte das reflexões, discussões, imaginações e análise crítica da realidade (leitura de mundo) acerca da temática a ser apresentada. Carmo (2003) *apud* Rudek, Santos e Hermel (2019) menciona sobre a potencialidade dos filmes em sala de aula:

O filme não deve funcionar como suporte para conteúdos desta ou daquela disciplina. O filme deve o conteúdo à matriz do conhecimento. Nessa perspectiva, o cinema é uma sala de aula. A sala de aula é o filme. Não se trata de deslocar para o espaço da sala de aula o vídeo, o DVD ou um projetor. Estes recursos têm sido utilizados na sala de aula de modo mecânico, ilustrativo, o que conduz à inércia do pensamento. A questão é se apropriar da narrativa cinematográfica no processo da escolarização (RUDEK; SANTOS E HERMEL, 2019, p. 93).

Levando-se em consideração o contexto apresentado, este estudo objetivou identificar e problematizar os atributos estereotipados e gordofóbicos presentes na obra cinematográfica *Shallow Hal* – “O amor é cego” (EUA, 2021) – como ferramenta pedagógica sob o viés da análise fílmica. Cabe pontuar que, a escolha da referida obra justifica-se pelo fato desta conceder espaço para uma discussão pertinente e atual, que é a questão da gordofobia eminentemente presente em nossa sociedade, a qual, sob a perspectiva das humanidades, contribui para exclusão dos corpos gordos. Além disso, neste estudo, foi possível “[...] denotar a gordofobia como uma construção social, vinculada aos significados socioculturais, sendo a síntese para a Teoria Histórico-Cultural, o fecho das implicações sociais, correlacionando o homem e o meio” (SOUZA; GONÇALVES, 2021, p. 4).



RELICI

Nessa linha de raciocínio, pontua-se que é necessário que os cidadãos tenham o direito de ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza e o direito de ser iguais quando a diferença os inferioriza (MANTOAN, 2004). Portanto, pensar uma educação inclusiva deve constituir-se de um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade, isto é, tratar diferentemente os desiguais, em busca da justiça social, ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola (GOELLNER, 2010).

Para uma melhor organização e compreensão do texto em película, este foi dividido em quatro etapas. Desta forma, organizamos de maneira a, inicialmente, tratar conceitualmente os elementos que dão sustentação teórica ao texto acerca da obesidade a partir do viés da saúde e, não menos importante, das consequências sociais, tendo como tônica os paradigmas da sociedade sobre os corpos tidos como referência a ser seguido e a maciça participação da mídia na disseminação destas informações distorcidas e deturpadas da realidade, bem como a importância do cinema/filme como ferramenta inovadora no processo de ensino e aprendizagem.

Posteriormente, discorreremos acerca do percurso metodológico para elucidação dos dados bibliográficos efetivamente levantados. Em seguida, apresentamos a análise fílmica propriamente dita conjuntamente com articulação de autores da saúde coletiva e da educação do corpo. Por fim, a última etapa, tem por intuito apresentar as considerações finais.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se, primeiramente, como recurso metodológico, a pesquisa bibliográfica, com o intuito de entender como o tema tem sido tratado no meio acadêmico. Nesse sentido, informa-se que o presente estudo



RELICI

109

levou em consideração o proposto pela “Teoria do Estado de Conhecimento”, cuja qual, define-se “[...] como a identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica” (MOROSINI; FERNANDES, 2014).

Nessa perspectiva, informa-se que esta pesquisa foi desenvolvida a partir das bases de dados do *Scientific Electronic Library Online – SciELO*; Ferramenta *Google Acadêmico* e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, em português, por meio dos seguintes descritores: “gordo”, “gordofobia”, “estigma social” e “escola”. Por sua vez, trata-se de uma pesquisa de cunho descritivo-exploratório, de caráter qualitativo, pois, de acordo com Godoy (1995, p. 21) “[...] a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”. Ademais, o presente estudo também assume o caráter descritivo, sendo de grande relevância, tendo em vista o objeto ao qual fora pesquisado. Manning (1979) *apud* Neves (1996), afirma que o trabalho de descrição apresenta caráter bastante relevante em um estudo qualitativo, uma vez que é a partir deste que são coletados os dados.

Neste estudo, caracterizado como uma análise fílmica, não realizamos uma análise fílmica no sentido estrito desta abordagem, em que costumeiramente se analisam os elementos do filme como cortes, enquadramentos, trilha sonora, planos, dentre outros, tão importantes para a respectiva análise (PENAFRIA, 2009). Assim sendo, objetivou-se obter uma base de entendimento geral sobre as narrativas majoritariamente adotadas neste tipo de produção. Assim, a análise utilizada foi a análise de conteúdo, que segundo as categorias estabelecidas por Manuela Penafria (2009), é uma das formas de análise fílmica, podendo ser definida da seguinte forma:



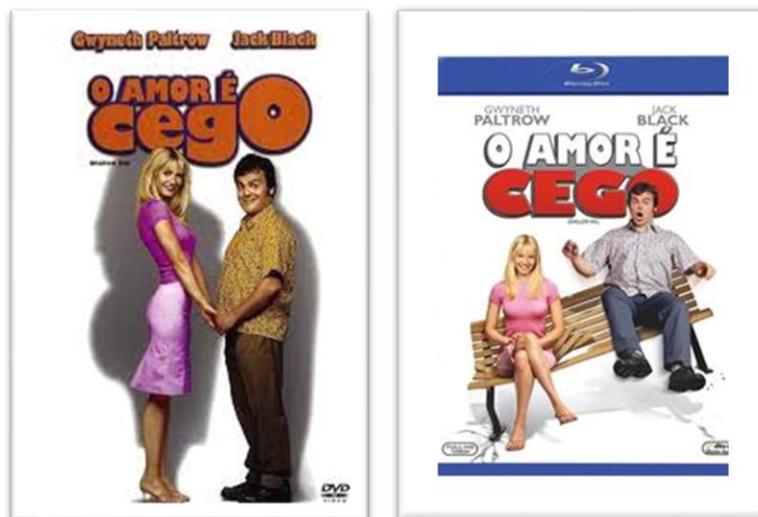
RELICI

110

Análise de conteúdo. Este tipo de análise considera o filme como um relato e tem apenas em conta o tema do filme. A aplicação deste tipo de análise implica, em primeiro lugar, identificar-se o tema do filme (o melhor modo para identificar o tema de um filme é completar a frase: este filme é sobre...). Em seguida, faz-se um resumo da história e a decomposição do filme tendo em conta o que o filme diz a respeito do tema (PENAFRIA, 2009, p. 6).

Assim, como fonte principal do estudo, foi utilizada a mídia cinematográfica que, em seu enredo discorresse a respeito dos estereótipos sobre o corpo esteticamente valorizado, belo e desejável conforme imposto pelos paradigmas da sociedade e amplamente disseminado em revistas e veículos midiáticos. Para tal finalidade, foi selecionado o filme *Shallow Hal* “O amor é cego” (figura 1), enquanto – filme comercial¹³ que já atingiu um grande número de espectadores, inclusive por ter sido televisionado sucessivas vezes, por exemplo, na “Sessão da Tarde” pela emissora brasileira Rede Globo.

FIGURA 1: Capas do filme “O amor é cego” em DVD e *Blu-ray*.



FONTE: *Google* imagens.

¹³ Entende-se como filmes comerciais aqueles que foram produzidos e comercializados com fins lucrativos, disponíveis em cinemas, canais de televisão entre outros.



RELICI

Para a análise de conteúdo do referido filme (quadro 1), cabe mencionar que a obra foi assistida em sua integralidade e, diante do que foi apresentado ao longo da narrativa, envolvendo os personagens, foram somente levados em consideração os contextos com os quais o protagonista se relacionou, sendo que a tônica da análise foi em torno dos estereótipos acerca do culto ao corpo “perfeito” bem como aspectos relacionados a práticas gordofóbicas. Neste ponto, ressalta-se que os discursos/falas/conteúdos estereotipados acerca do corpo gordo foi o pilar central da análise fílmica.

QUADRO 1: Filme Analisado.

TÍTULO ORIGINAL	FICHA TÉCNICA
<i>Shallow Hal</i> (O amor é cego)	Direção: Bobby Farrelly e Peter Farrelly Elenco: Hal Larson (Jack Black); Rosemary Shanahan (Gwyneth Paltrow); Maurício Wilson (Jason Alexander). País/Ano de produção: EUA, 2001 Gênero: Comédia/Drama/Romance Duração: 1 h e 54 minutos Classificação: Livre para todos os grupos

FONTE: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-28958/>

É importante, portanto, destacar que também houve suporte teórico de autores que discorrem sobre o corpo gordo e a questão do estigma social, tais como Georges Vigarello e Erving Goffman, dentre outros que foram igualmente relevantes para elaboração deste estudo. Contudo, o presente estudo ancorou-se na Teoria Histórico-Cultural de Vigotsky.

Para Souza e Gonçalves (2021, p. 2), a referida teoria “[...] compreende o ser humano como essência, numa perspectiva de entendê-lo por meio da dialética entre os aspectos: natural, cultural e social, sendo ele participante ativo em seu processo histórico”. Por este caminho, Barbosa *et al.* (2016) salientam a necessidade de compreender o meio social, visto que são inconcebíveis as análises referentes ao homem de forma apartada de um contexto histórico e social: “[...] Por isso, se entende que é impossível realizar qualquer discussão sobre a gordofobia de modo fracionado



RELICI

e sem considerar as mudanças dos signos em volta do corpo no decorrer da história da humanidade” (SOUZA; GONÇALVES, 2021, p. 3).

ANÁLISE FÍLMICA (*Shallow Hal* – “O amor é cego”)

O filme em questão foi produzido nos EUA em 2001, sob a direção dos irmãos Bobby Farrelly e Peter Farrelly, sendo, este, do gênero comédia/drama/romance e estreado principalmente por Hal Larson (Jack Black); Rosemary Shanahan (Gwyneth Paltrow) e Maurício Wilson (Jason Alexander). A obra é desenvolvida a partir da história de Hal Larson que vai desde a sua infância à fase adulta. O enredo inicia-se no momento em que seu pai, o Reverendo Larson (Bruce McGill), no leito da morte, constrói um discurso estereotipado acerca dos corpos femininos e, assim, faz com que Hal o prometa que irá se relacionar apenas com mulheres que correspondam aos paradigmas da sociedade acerca do corpo que represente a magreza como sinônimo de beleza e saúde¹⁴.

Assim sendo, Hal, aceitou o conselho de seu pai e passa a procurar inclusive nas baladas da noite, mulheres que tenham corpos com tal configuração. No entanto, estes comportamentos e formas de idealizar os corpos, como sendo “perfeitos”, passam por significativas mudanças, após Hal ter um encontro inesperado com um *guru*¹⁵, Tony Robbins. Portanto, intrigado pela superficialidade de Hal, bem como as mais variadas formas estereotipadas que ele tem de visualizar os formatos dos corpos, Robbins o hipnotiza para que ele veja a beleza que existe mesmo em mulheres que apresentem sobrepeso e obesidade – para além do padrão de beleza

¹⁴ Neste ponto, entende-se diante ao contexto, o termo “saúde” de maneira deturpada e reducionista, pois, como muito bem menciona Lopes (2005, p. 1.595), “[...] saúde é o conjunto de condições integrais e coletivas de existência, influenciado pelo contexto político, socioeconômico, cultural e ambiental”.

¹⁵ O *guru* que é apresentado na referida obra cinematográfica de fato é real, porém na realidade ele não é denominado de guru e sim de *coach*.



RELICI

disseminado distorcidamente pelos veículos de comunicação e hipervalorizado pela própria sociedade.

A partir deste acontecimento, Hal, sem saber que está sob o efeito de hipnose, apaixona-se por Rosemary, uma mulher gorda que é vista por ele como se fosse uma verdadeira “deusa”, uma mulher que supostamente teria as características corporais do que seria um corpo padrão e referência a ser seguido. Vale mencionar que a atriz Gwyneth Paltrow desempenhou ambos os papéis, a magra e gorda, e teve de usar uma roupa chamada fatsuit¹⁶ concebida em 11,3 kg e uma prótese encapsulante como *make-up*¹⁷. Estas informações são pertinentes tendo em vista que Gwyneth Paltrow já revelou que “Shallow Hal foi seu maior desastre de filme”.

Ainda conforme a mesma: “[...] no primeiro dia em que experimentei (o traje gordo), estava no *Tribeca Grand* (um hotel em Nova York) e entrei no saguão. Era tão triste; era tão perturbador. Ninguém faria contato visual comigo porque eu era obesa, eu usava essa camisa preta com grandes bonecos de neve. Por alguma razão, as roupas gordas que elas fazem... as roupas que elas fazem para mulheres com sobrepeso são horríveis. Eu me senti humilhada porque as pessoas eram realmente desdém [...]”.

Desta forma, *Shallow Hal*, trata-se de uma obra cinematográfica que possibilita pertinentes discussões acerca de um tema emergente na contemporaneidade e sendo de grande relevância social, que é a questão da gordofobia presente cotidianamente na vida das pessoas, inclusive nos espaços escolares. Assim, observa-se o quanto a referida obra se torna potente para ser utilizada como ferramenta pedagógica/educativa. Nesta perspectiva, informa-se que,

¹⁶ *Fat Suit* é o termo dado para o ato de usar roupas com enchimentos, máscaras, técnicas de maquiagem, para que uma pessoa magra possa interpretar uma pessoa gorda.

¹⁷ Trata-se de uma **prótese cênica** utilizada para realizar técnicas de maquiagem artística com ênfase na caracterização de personagens, como por exemplo, para configurar as expressões faciais de uma mulher que é magra em uma gorda.



RELICI

em meio ao enredo fílmico, o espectador é situado em um contexto em que o corpo gordo é visto depreciativamente e como forma de fazer as pessoas darem gargalhadas, sem necessariamente realizar uma análise crítica acerca da obra e conectar com a realidade social que é eminentemente presente nas várias instâncias da sociedade.

Pontua-se também que, seja consciente ou inconscientemente, as pessoas expressam atitudes preconceituosas e estigmatizantes, inclusive a partir de brincadeiras e piadas, tendo como pilar central o corpo gordo. Desse modo, levando-se em consideração o objetivo proposto do presente estudo, destaca-se a cena (00: 3:36 – 00: 3:48) em que o pai de Hal faz o seguinte pedido: “[...] não se satisfaça com mulheres comuns, encontre para você uma beleza clássica, com uma bunda perfeita e peitos grandes [...]”. Neste contexto, é passível de constatação de que o pai de Hal apresenta atributos estereotipados acerca da beleza das mulheres e conforme propagado pela mídia. Desse modo, Felipe (2004, p. 244), contribui considerando que “[...] a mídia estimula o padrão estético magro, discriminando o gordo de uma maneira não-sutil, com mensagens agressivas, persuasivas e pouco estimuladoras”.

Frente ao exposto e levando-se em consideração o corpo como produto das relações sociais, Georges Vigarello (2012), historiador francês, ao desenvolver a história da obesidade em “*As metamorfoses do gordo*” afirma que os significados atribuídos aos corpos volumosos nem sempre tiveram essa natureza depreciativa. Por exemplo, na Idade Média, as anatomias maciças eram apreciadas como sinônimo de poderio, ascendência. Pensando neste percurso histórico e, mais especificamente, a partir do século XIX, o corpo gordo ainda era considerado pela sociedade como símbolo de saúde, beleza, *status* social e opulência (PEREIRA, 2019; VIGARELLO, 2012).

Contudo, a gordura no corpo não era desejada por todos, mas as pessoas que apresentavam um corpo gordo tinham certo prestígio social e, neste caso, a



RELICI

115

gordura era mais aceita e reconhecida socialmente (VIGARELLO, 2012). Desse modo, no decorrer do tempo, as referências de corpo foram sendo modificadas e se adequando a cada sociedade e cultura, e influenciando os padrões de corpos aceitos na vida em sociedade (PINTO, 2009). Assim, levando-se em consideração o exposto, Pereira (2019), comenta que:

A partir do século XX, a aparência corporal começa a ter uma representação social relevante. A gordura, que antes era sinônimo de saúde, beleza e riqueza, passa a ser associada à falta de controle sobre si e ausência de cuidados com o corpo. O gordo passa a ser visto como alguém indesejado, pois o corpo passa a ser percebido e representado de maneira diferente (PEREIRA, 2019, p. 23).

Não obstante, no século XXI, o corpo magro passa a ser a tônica como o ideal de corpo, por sua vez, a gordura passa a ser considerada um símbolo de falência moral e o indivíduo gordo, além de apresentar um peso e formas que não têm uma aceitação social em sua plenitude, passa a ser visualizado como um sujeito menos desejável e desqualificado (PEREIRA, 2019). À vista disso, o gordo deixa de ser aquele descontrolado e passa a ser o desleixado e negligente, que não consegue emagrecer (VIGARELLO, 2012). Frente a este percurso histórico, e trazendo as contribuições de Vigotsky para o debate, Souza e Gonçalves (2021) fazem a seguinte menção:

Embora o termo gordofobia seja um tema hodierno, e que não tenha sido o centro de preocupações de Vigotsky, sua compreensão a partir da Teoria Histórico-Cultural se torna possível quando temos em vista as significações inerentes ao corpo, as quais passaram por transformações, adquirindo diferentes configurações, sendo, portanto, crucial percorrer o caminho histórico para entender as concepções atuais do corpo e como chegou a ser como é (SOUZA; GONÇALVES, 2021, p. 7).

Isto posto, observa-se que nos dias atuais o corpo gordo “viola” a norma social vigente e é considerado “desviante”, pois se contrapõe ao padrão de corpo idealizado, cujo qual é aceito pela cultura atual (PEREIRA, 2019). Se voltarmos ao filme, a citação acima corrobora com a linha de pensamento do pai de Hal sobre a condição do que é



RELICI

116

um corpo que deve ser desejado e valorizado. Neste ponto, Vigarello (2012), afirma que:

A história do gordo está ligada a essas reviravoltas. O desenvolvimento das sociedades ocidentais promove o afinamento do corpo, a vigilância mais cerrada da silhueta, a rejeição do peso de maneira mais alarmada. O que transforma o registro da gordura, “denegrindo-a” [sic], aumentando o seu descrédito e privilegiando insensivelmente a leveza. A amplitude de volume afasta-se cada vez mais do refinamento, enquanto a beleza se aproxima mais e mais do que é magro, esguio (VIGARELLO, 2012, p. 10-11).

Outra cena que chama atenção é (00:26:38 – 00: 26: 40), nesta o amigo de Hal, Maurício, diante ao contexto em que Hal está interagindo com mulheres que, na visão de Maurício não correspondem ao “alto padrão de mulher” (sic), o mesmo reverbera o seguinte após Hal pedir para que ele socialize com as mulheres que estavam naquele local: “[...] quer dizer: você pega a hiena e eu escolho entre o hipopótamo e girafa?”. A partir dos excertos da fala de Maurício é perceptível o quanto que o citado carrega consigo pensamentos e atitudes preconceituosas e discriminatórias, haja vista que, ao associar as mulheres que ali estavam aos animais, o personagem faz uma analogia pejorativa, já que, uma mulher se apresenta com corpo gordo (o hipopótamo) e a outra com corpo longilíneo (a girafa) – que tem a característica de serem magros, geralmente altos, membros longos comparados à altura dos ombros (GUEDES; GUEDES, 1999).

Desta forma, levando-se em conta essa situação-problema, pontua-se de acordo com Pereira (2019), que o preconceito contra pessoas com corpos gordos apresenta semelhança a outras formas de preconceito, uma vez que, esse preconceito limita oportunidades e igualdades; está associado a um estereótipo negativo; envolve a dominação de grupos não estigmatizados sobre grupos estigmatizados e desfavorecidos em nossa sociedade. Ainda conforme a mesma autora: “[...] o preconceito baseado no peso é pouco comentado e problematizado socialmente” (PEREIRA, 2019, p. 27).



RELICI

117

Dando prosseguimento à análise fílmica, desta vez a cena a ser analisada é (00:27:58 – 00:28:32), cuja qual Rosemary aparece em uma loja de *lingerie* e no primeiro momento a obra cinematográfica nos mostra uma mulher gorda segurando uma calcinha extra GG, no entanto, imediatamente após a câmera cinematográfica muda e focaliza a visão de Hal, e este passa a ver Gwyneth Paltrow – mulher magra, branca e de olhos azuis. Hal, apaixonou-se ao primeiro olhar, e ao tentar abordá-la como forma de iniciar todo um processo de conversação em prol de cativá-la, indaga o seguinte ao presenciá-la segurando a calcinha extra GG: “[...] vai fazer um paraquedas?”. Nesse momento, Rosemary incomodada com a piada depreciativa o ignora e indaga: “o que disse”? Hal, por sua vez, persiste: “Ah! Entendi, você rasgou a vela do seu veleiro num é?”. A partir deste contexto, Rosemary se mostra bastante chateada e Hal solicita sinceras desculpas e os dois passam a sair juntos e, neste momento, ocorre uma série de situações constrangedoras acerca do corpo gordo de Rosemary.

Neste ponto, pontua-se que a piada depreciativa utilizada por Hal é constantemente vivenciada por diversas pessoas com corpos gordos. Santolin e Rigo (2015) contribuem dizendo que vivemos em uma sociedade lipofóbica – representada pela obsessão, magreza e a repugnância da gordura, que, lamentavelmente, promove preconceito e exclusão dos sujeitos gordos. Este ato preconceituoso é reconhecido como gordofobia. Para Pereira (2019, p. 28) “[...] as atitudes sociais de lipofobia e gordofobia se tornam características presentes na sociedade, sendo produzidas, reproduzidas e compartilhadas socialmente”.

Ainda, durante a análise do filme, destaca-se a cena (00:31:19 – 00:32:07), a qual apresenta aos espectadores o momento em que Rosemary cai da cadeira enquanto estava na companhia de Hal em uma lanchonete, supostamente isso ocorre devido ao fato de Rosemary ser gorda, então neste momento, Hal assustado e indignado com a situação, diz o seguinte ao proprietário do estabelecimento: “[...] olha



RELICI

118

aqui meu amigo, você tem que colocar umas cadeiras decentes aqui, do que essas porcarias são feitas?” Logo, o proprietário responde: “hum, aço”. Todavia, Hal, se mostra surpreso com a resposta, uma vez que, como ele está hipnotizado, não consegue entender como uma mulher magra como Rosemary quebraria uma cadeira de aço.

Contudo, os constrangimentos vivenciados por Rosemary não cessam e ao saírem da lanchonete se depara com dois rapazes que falam o seguinte em tom alto ao ponto de Rosemary escutar: “[...] chegamos tarde... a comida acabou hahaha”. Neste momento, Rosemary demonstra bastante tristeza por ter ciência que estaria sendo foco de piadas depreciativas acerca do seu corpo gordo.

Diante da problemática assistida no filme verifica-se o quanto que a prática gordofóbica está presente na obra cinematográfica *Shallow Hal*, e isto não se difere da realidade social vivenciada por milhares de pessoas. Para Novaes e Vilhena (2003, p. 21), “[...] os gordos são mantidos excluídos, feito párias sociais, pois já não participam das regras do jogo social”. Esta problemática se torna altamente preocupante, uma vez que “[...] o corpo gordo não fica limitado apenas à questão orgânica, pois ele também é resultado de um processo histórico e cultural que condensa diversos significados presentes na história” (PEREIRA, 2019, p. 21).

Dito isto, a maneira como os rapazes trataram Rosemary na saída da lanchonete revela nitidamente uma forma preconceituosa e discriminatória de visualizar e julgar o corpo gordo. A partir desta forma de pensamento – reducionista e excludente – sugere-se que o sujeito gordo é único e exclusivamente responsável pela sua condição corporal, sendo produto da sua falta de vontade e ausência de autocontrole (ALMEIDA, *et al.*, 2015).

Entretanto, o sujeito que está com sobrepeso ou obesidade não deve ser culpabilizado, pois isto, ocorre por diversos fatores, interconectados de maneira complexa, dentre os quais, em nível mais macro e distal, temos os fatores contextuais



RELICI

119

seguidos por fatores sociais e econômicos (por exemplo, nível de desenvolvimento humano do país, crime, trânsito, renda individual, sexo, níveis de escolaridade etc.), seguidos por variáveis psicossociais (por exemplo, suporte social, depressão, ansiedade, autopercepção corporal), variáveis comportamentais (alimentação, prática de atividade física, dentre outros) e variáveis biológicas (por exemplo, obesidade, genética), fatores que são importantes para entender de forma independente e em conjunto, pois há interações prováveis nesses níveis de influência (KLINE *et al.*, 2017; WHO, 2016).

Igualmente importante, destaca-se a cena (00:35:07 – 00:36:00), nesta, Hal e Maurício estão andando em um pátio e Maurício, ao perguntar se Hal queria cachorro quente, o mesmo responde que não. Nesta cena, Maurício se mostra surpreso e Hal diz que está apaixonado por Rosemary. Interpretamos que Hal pretende emagrecer ou minimamente evitar alimentos com alto teor calórico e baixa densidade nutritiva, já que está apaixonado por Rosemary, e Hal a enxerga como uma mulher com corpo magro e com características que ele julga ser importante uma mulher possuir, obviamente que isto evidencia a visão superficial e estereotipada que Hal tem acerca dos corpos.

Ademais, Hal fala: “[...] é quase difícil acreditar..., ela é divertida, inteligente e ensina autoestima para crianças doentes e você nunca acreditaria que uma garota tão bonita pudesse ter uma personalidade tão grande”. Imediatamente, Maurício, externa: “[...] hum! Síndrome de patinho feio”, rapidamente, Hal, diz: “o quê?”. Na sequência, Maurício, explica: “[...] deve ter sido feia até entrar no segundo grau, a personalidade se desenvolveu pela necessidade. É um lance de evolução”, e Hal concorda com a suposta teoria de Maurício e diz: “[...] ela é muito bonita para ser tão legal”, neste momento, Maurício, continua a explicar sua “teoria”: “[...] hum! Às vezes ficam feia por tanto tempo que, quando se tornam bonitas nem percebem. É como se a autoimagem de feia estivesse bem enraizada. É um fato real”.



RELICI

120

À vista do exposto, percebe-se que estes são dotados de atributos estereotipados, preconceituosos e de processos de exclusão social. Isto se apresenta como uma prática também de *bullying*¹⁸ no âmbito escolar, pois o diferente é visto como algo anormal e desigual, é aquela/aquele que não segue aquilo que é considerado como padrão, modelo e norma a ser referenciado. Souza e Gonçalves (2021) mencionam que a instituição escolar, como sendo uma esfera social, tem a tendência de refletir a realidade sociocultural a sua volta, o que faz dela um lugar que promove a expansão do preconceito, discriminação e estigmatização dos corpos considerados diferentes. Conforme definido por Goffman (1988), a sociedade estabelece formas de categorizar os sujeitos em seus atributos comuns e naturalizantes por meio de paradigmas negativos. Quando esses paradigmas não são alcançados de alguma forma, atributos que são significativamente depreciativos são postulados a esses sujeitos por grupos sociais que os discriminam.

Fato este destacado, observa-se que os excertos das falas de Hal e Maurício têm como viés relatar que, para uma determinada pessoa ser considerada divertida, inteligente e “boazinha”, esta tem que ter como atributos, um corpo diferente daquele hipervalorizado pelas pessoas, pois seria um atributo imposto pela sociedade. Nesta linha de raciocínio, se a pessoa é gorda muito provavelmente será engraçada, intelectual, harmoniosa e até mesmo uma “coitadinha”. Paradoxalmente, se a pessoa é magra, loira e de olhos azuis como é o caso de Gwyneth Paltrow, esta não possuirá os atributos e valores acima apresentados. Neste sentido, Souza e Gonçalves (2021), comentam que:

O momento histórico atual é cenário fértil quanto aos juízos em relação ao corpo. Há a percepção de que os indivíduos que não pertencem ao arquétipo estabelecido socialmente são ridicularizados, desprezados e criticados devido sua estrutura corporal. Diante da padronização dos corpos, existe uma

¹⁸ “É o termo que se refere à exposição repetida a ações propositais que ferem ou prejudicam o indivíduo, caracterizando-se, principalmente, pela disparidade de poder entre os pares, de modo que uma pessoa é dominada por outra” (CALBO, 2009, p. 74).



RELICI

121

obsessão excessiva em evitar o corpo gordo a qualquer custo, uma vez que este se encontra estereotipado como doente e feio, simbolizando socialmente, a falta de autocontrole, o que gera uma rigorosa supervisão do corpo (SOUZA E GONÇALVES, 2021, p. 2).

À vista disto, Souza e Gonçalves (2021) consideram que seja praticamente impossível investigar a questão da gordofobia, sem necessariamente apresentar as mudanças sociais e culturais que construíram os signos corporais ao longo dos anos.

Nesta perspectiva, Vigotsky (2005) *apud* Souza e Gonçalves (2021, p. 4) explana “[...] como centro de sua ideologia, as significações culturais, as quais são responsáveis pela construção do comportamento humano, especialmente a formação de conceitos a partir da apropriação”.

Isto posto, dando continuidade à análise fílmica, verifica-se desta vez a cena/contexto (00: 38:09 – 00:38:16), em que Rosemary chega ao encontro com Hal e a mesma é apresentada ao seu grande amigo, Maurício. Este, por sua vez, fica surpreso com Hal, pelo fato de namorar Rosemary – uma mulher gorda. Neste momento, Rosemary atende o telefonema de sua mãe e logo mais solicita licença à dupla de amigos. Nesta oportunidade, Hal, diz: “[...] ela é ou não é um doce?” e Maurício responde: “[...] ela é a confeitaria inteira, Hal”. A partir desta explanação, percebe-se, mais uma vez, falas e atitudes irônicas com teor pejorativo sobre o corpo gordo de Rosemary, sem contar que as mesmas contribuem para promover a discriminação, fato este que ocorre cotidianamente na trajetória de vida das pessoas gordas. Não obstante, Cortes (2018, p. 1) pontua que “[...] é difícil compreender porque uma característica física pode virar alvo de repugnância por parte de algumas pessoas, entretanto, o termo gordofobia nunca esteve tão presente na sociedade brasileira como nos últimos anos”.

Outra cena/contexto que chama atenção é (00:43:46 – 00:44:28), a qual mostra aos espectadores, Rosemary e Hal conversando em frente ao edifício onde Hal reside, neste contexto, Rosemary não se sente bem pela forma que Hal a trata,



RELICI

122

ou seja, como se ela não fosse gorda, e Rosemary diz: “[...] Hal me faz um favor! Para de dizer que eu sou bonita e que não sou gorda, tá? Isso me incomoda muito”. Neste ponto, Hal, fica sem compreender e pergunta se ela tem algum problema com elogios e Rosemary prontamente responde: “[...] eu sei o que sou e não sou. Eu sou a garota que tira ótimas notas e não tem medo de ser engraçada. Eu sou a garota que tem um monte de amigos homens e nenhum namorado. Eu não sou bonita e nunca vou ser, tá? E eu tô bem assim, mas quando você começa a dizer que eu sou uma coisa que não sou... é muito... é muito ruim”. Frente ao exposto, percebe-se que esta é uma cena/contexto a qual possibilita pertinentes reflexões, pois é notável, a partir da fala de Rosemary, o quanto que a mesma não se sente bem diante a situação e ela descreve atributos que correspondem aos impostos pela sociedade do que seria “norma” a seguir.

Os excertos da fala de Rosemary são referidos a partir do lugar de fala da autora Piñeyro (2016), a qual pontua que o processo de exclusão das pessoas gordas está engendrado até mesmo na percepção das pessoas gordas de que seu próprio corpo não merece ser vivido, estando sempre em busca de alternativas de fugir dele na contínua possibilidade, ou obrigação de emagrecer a qualquer preço, afinal, ser gordo é um problema reversível, “[...] ou seja, a gordofobia está impregnada na nossa concepção de corpo, projetando limitações, culpa e exclusão das pessoas gordas (condenadas ao exílio)” (PAIM; KOVALESKIB, 2020, p. 4). Além disso, para Goffman (1988, p. 119), “[...] o indivíduo estigmatizado se define como não-diferente de qualquer outro ser humano, embora ao mesmo tempo ele e as pessoas próximas o definam como alguém marginalizado”.

Na atualidade, é notório o quanto que tem sido constante a busca pelo controle sobre os corpos, por meio da padronização corporal. Esse domínio indica que o indivíduo deve se adequar ao modelo de beleza exigido pela sociedade, como por exemplo, o corpo magro (SOUZA; GONÇALVES, 2021). Para Vigarello (2012, p. 14),



RELICI

123

tal controle está intimamente ligado “[...] à insensível precisão do julgamento sobre as curvas corporais e sua inflexão”. Neste caso, Silva (2017), assevera que:

Ser gordo em nossa cultura gera repercussões não apenas na expectativa com saúde e mortalidade, mas gera um ambiente de julgamentos e interações que extrapolam qualquer cuidado com a saúde pública e privada. É nesse momento que temos que falar do preconceito, mais especificamente, o da gordofobia (SILVA, 2017, p. 68).

Todavia, destaca-se um ponto significativo ressaltado por Souza e Gonçalves (2021, p. 17): “[...] o corpo humano, para além da biologia, engloba questões históricas, políticas e culturais. Então, os sentidos e significados referentes ao corpo dependem do período histórico, dos interesses sociais, da cultura e do lugar onde o indivíduo habita”.

Seguindo, analisou-se a cena/contexto (00:51:57 – 00: 52:21), em que o pai de Rosemary apresenta um discurso que inclina para o caminho do estigma social, uma vez que seu pai acredita não ser possível que Hal esteja verdadeiramente apaixonado por Rosemary, simplesmente pelo fato dela ser gorda. Neste momento, o pai de Rosemary reverbera o seguinte: “[...] escuta! Rosemary é minha filha e Deus sabe que a amo profundamente, mas acho que nós dois sabemos que jamais a veremos sacudindo o bastão de chefe da torcida do *Dallas*¹⁹”. A maneira como o pai de Rosemary conversa com Hal, deixa explícito que o mesmo apresenta atributos preconceituosos os quais contribuem para ascensão do estigma social e, conseqüentemente, para prática da gordofobia.

Infelizmente, a prática da gordofobia não se faz presente apenas nas redes sociais digitais (que já se torna algo descabível e inaceitável) e, muito menos, é realizada somente por pessoas desconhecidas. Por vezes, os familiares contribuem para essa prática, inclusive, quando reproduzem frases do tipo: “você é muito bonita

¹⁹ Mulheres com corpos magros e atléticos. Além disso, o *Dallas* é uma franquia profissional de futebol americano sediada em Frisco, Texas. https://pt.wikipedia.org/wiki/Dallas_Cowboys. Acesso em: 25/11/2021.



RELICI

124

de rosto, mas deveria emagrecer para ficar mais bonita”. Entendemos que, assim como a educação é construída na base familiar e no convívio social, não diferentemente, as atitudes de preconceito muitas vezes também são (NERY, 2017).

A partir da linha de pensamento do referido autor, também se analisou a cena/contexto (00:59:37 – 1:01:26), em que Hal e Maurício estão em uma academia de musculação e Maurício externa o seguinte: “[...] eu gostei de você ter mais iniciativa e começar a conhecer mais mulheres e acho até que está exagerando um pouco..., mas, você não acha que é hora de levantar um pouco o nível?”. Hal, imediatamente se assusta e Maurício prossegue com suas argumentações: “[...] como amigo eu poderia ver o outro lado, você transou com algumas gordinhas e deixou que isso fugisse do seu controle. Bom! Tem muito peixe bom por aí. Você não precisa ficar mordiscando as carpas²⁰”. Posteriormente, Maurício continua a explicar sua indignação ao verificar Hal namorando Rosemary e argumenta que na percepção dele, Rosemary tem mocotó²¹, neste momento Hal fica altamente surpreso e diz: “o quê?!”, e logo após, Maurício, explica: “[...] mocotó..., ela não tem tornozelo, é como um bezerro, pode cortar pela metade. Eu acho que é um exagero total”.

Diante da situação ora relatada, Hal, demonstra ficar bastante indignado e passa a contrapor Maurício, nesse tempo, Maurício continua: “[...] ah... Rosemary é muito legal. Tudo bem! Mas você tem que admitir que nem falaria com aquele mamute peludo se o pai dela não fosse o presidente de sua companhia”. A partir da análise realizada é altamente perceptível todos os atributos preconceituosos e gordofóbicos presentes na fala de Maurício acerca do corpo gordo, principalmente, quando este,

²⁰ Também conhecida como *koi* ou *carpa koi*, a carpa é uma espécie de peixe que é criada em tanques há mais de mil anos. Vive também em águas cálidas, de rios de curso lento e de lagos. Se alimentam de pequenos invertebrados que capturam no lodo. Para saber mais acesse em: <https://www.significados.com.br/carpa/> Acesso em: 27/11/2021.

²¹ Patas de animais bovinos ou suínos, desprovidas do casco, usadas como alimento. Para saber mais acesse em: <https://www.dicio.com.br/mocoto/> Acesso em: 27/11/2021.



RELICI

faz analogias aos animais citados em suas falas, dando a interpretar que o mesmo tem como pilar central depreciar a imagem corporal que apresenta contornos volumosos.

Nesse contexto, Sampaio (2017), salienta que a aversão ou repulsa ao corpo gordo causa um sentimento de raiva e necessidade de afastamento do indivíduo gordo, ou, como no caso das piadas, atravessadas pelo discurso debochado que estigmatiza, humilha e exclui os corpos gordos. Nesse sentido e levando-se em conta a cena/contexto (01:07:40 – 1:01:26), em que Maurício e Tony Robbins estão conversando a respeito do comportamento de Hal acerca do relacionamento com mulheres gordas e Maurício argumenta que: “[...] ultimamente as únicas mulheres que ele quer são feias”. Neste contexto, Tony Robbins, indaga: “[...] quem disse que são feias?” E, Maurício, diz: “[...] ah! O mundo todo! E algumas são muito gordas..., mas... será que está havendo alguma coisa de muito errado ou meu amigo está tendo um desarranjo mental?”.

Neste momento, Tony Robbins, inconformado com o comportamento preconceituoso de Maurício, afirma o seguinte: “[...] ele não está com desarranjo mental. Nunca ouviu a frase: a beleza está nos olhos de quem vê?” e Maurício responde e pergunta: “[...] sim! E, já ouviu a música quem deixou os cachorros saírem?”. Tony Robbins, fica irritado com o comportamento de Maurício e, este por sua vez, pergunta a Tony Robbins: “[...] não acha errado fazer lavagem cerebral?”. E, Tony Robbins, diz o seguinte: “[...] não acha que você também sofreu lavagem cerebral? Tudo que você sabe sobre beleza está programado: televisão, revistas, filmes... tudo isso que te diz o que é bonito e o que não é tem alguma diferença?”.

Diante da indagação de Tony Robbins, verifica-se que é o cinema fazendo uma crítica à mídia como instância criadora e propagadora dessas formatações corporais. A partir desta discussão, percebe-se mais uma vez atributos gordofóbicos e, não diferentemente, do que é explicitado na obra cinematográfica *Shallow Hal*,



RELICI

126

também ocorre na vida em sociedade, pois o corpo dito “perfeito” está na moda, a partir, inclusive, dos discursos eminentemente presentes na televisão e comerciais, jornais e redes sociais digitais que hipervalorizam e colocam em evidência a dieta, a maneira considerada perfeita para a ascensão dos corpos magros e passam a ignorar, repudiar, menosprezar e anular os corpos gordos como se estes estivessem equiparados a um vírus que contamina e que promove adoecimentos.

Por esse viés, Silva (2017, p. 65) pondera que: “[...] há efetivamente uma influência muito grande da mídia e da indústria do emagrecimento sobre os indivíduos, criando padrões oficiais e midiáticos de beleza e, conseqüentemente, criando a estigmatização daqueles que não se encaixam em tais padrões”. Estes discursos disseminam a ideia de que, principalmente as mulheres, para serem aceitas perante a sociedade, devem buscar, sem medir esforços, fazer parte desses paradigmas (encaixarem-se), sendo os procedimentos cirúrgicos uma das principais possibilidades de se adequar ao modelo corporal estipulado (SOUZA; GONÇALVES, 2021).

Para Nery (2017), da mesma forma que a internet pode ser um elemento importante para o empoderamento da pessoa gorda, também é espaço para diversas agressões que acontecem a partir de sujeitos gordofóbicos. Neste ponto, mencionamos a notícia a qual foi amplamente divulgada que a Revista *Playboy* teria uma modelo com sobrepeso em sua edição, nesse ínterim, o perfil do *Facebook*® do “Jornal Estadão”, espaço que divulgou a notícia, ficou repleto de comentários gordofóbicos.

Desta maneira, verifica-se a importância da problematização dos atributos estereotipados e gordofóbicos presente na obra *Shallow Hal*, pois muito do que ocorre na obra, em forma de ficção e com fins de entretenimento, podemos considerar que é também um retrato do que ocorre na sociedade. Isto não é diferente no espaço escolar, visto que os alunos/as que são considerados/as de alguma maneira, fora dos



RELICI

127

padrões do que é ser magro predominante na cultura contemporânea, possivelmente se tornarão alvo de *bullying*, como perseguições, intimidações, exclusão social, agressões e apelidos depreciativos que resultam na desmotivação quanto à realização pessoal e até mesmo ao fracasso frente as atividades educativas (SOUZA; GONÇALVES, 2021).

Ainda conforme Souza e Gonçalves (2021), as práticas gordofóbicas, que estão engendradas na sociedade, sustentam-se nos discursos biomédicos, em que a gordura corporal está intimamente associada a uma condição de doença. Pautando-se neste discurso, a mídia propaga ideologias que enaltecem a magreza como sinal de boa forma e de saúde. Desse modo, o preconceito se legitima na sociedade afetando principalmente o sexo feminino o qual também surge como um julgamento feito de forma antecipada, negativa das pessoas que são estereotipadas. Segundo Sant'ana é possível perceber tais preconceitos em alguns exemplos abaixo que são muito utilizados no dia a dia: “[...] Toda sogra é chata”, “Todos os homens são fortes”, “Toda mulher é frágil”, “Todos os políticos são corruptos”, “Toda criança negra vai mal na escola”, “O negro é burro”, e “Mulher bonita é burra” (SANT’ANA; MUNANGA, 2005, p. 62).

Entretanto, outro fato que é cabível de destaque, diz respeito a um estudo publicado recentemente, o qual evidencia que a obesidade sozinha não aumenta o risco de morte, como explicitado na pesquisa de Kuk *et al.* (2018), que acompanhou 54.089 indivíduos em cinco estudos de *coorte*, neste íterim, constatou-se que um em cada 20 indivíduos com obesidade não apresentava outras anormalidades metabólicas. Ademais, evidenciou-se que pessoas com obesidade considerada metabolicamente saudável não possuem taxa de mortalidade mais elevada, ao contrário das doenças crônicas não transmissíveis, tais como: dislipidemia, hipertensão e/ou diabetes, que, isoladas, estão mais comumente associadas com o alto risco de mortalidade.



RELICI

128

Além do mais, Kuk *et al.* (2018) ponderam que é preciso realizar pesquisas futuras que possam elucidar os benefícios provenientes da insistência acerca da recomendação de perda de peso para pessoas gordas metabolicamente saudáveis: “Pois o atual discurso da saúde associa a magreza ao cuidado com o corpo, motivo pelo qual o corpo magro é considerado garantia de saúde e, por consequência, é visto como adequado/normal” (PAIM; KOVALESKIB, 2020, p. 4).

Diante de toda análise fílmica, torna-se notório o quanto que a obra se desenvolve a partir de estereótipos acerca do culto ao corpo “perfeito”. Esta, por sua vez, mostra aos espectadores como é a o dia a dia das pessoas gordas frente aos atributos preconceituosos e de discriminação. Tal problemática impacta significativamente no processo de saúde e doença das pessoas gordas e, também, na inserção destas nos diversos contextos da sociedade, bem como ao que se refere à inclusão no ambiente escolar, já que a prática da gordofobia tem sido cada vez mais disseminada, dito isto, torna-se emergente e urgente a sua problematização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em consideração o objetivo proposto do estudo em tela, foi possível perceber diversos atributos estereotipados, preconceituosos, discriminatórios e gordofóbicos acerca do corpo gordo, neste caso, em específico, os das personagens mulheres. Adicionalmente, constatou-se na literatura científica diversos autores/as que discorrem sobre as ações/comportamentos/attitudes gordofóbicas fortemente presentes nos mais variados contextos sociais e, inclusive, na própria instituição escolar.

Tal problemática, torna-se eminentemente preocupante e que merece urgente problematização, uma vez que a escola, como uma esfera social, tem a tendência de reproduzir as estruturas sociais injustas à sua volta, e que, lamentavelmente, torna este um local que promove a propagação do preconceito e estigmatização dos corpos



RELICI

129

considerados diferentes, levando-se em consideração os paradigmas negativos acerca do corpo gordo (muitas vezes pelos próprios professores). Além disso, os estereótipos baseados no peso do corpo são pouco comentados e problematizados socialmente, sendo o âmbito escolar um microcosmo da sociedade, já que, tende a deslegitimar a presença dos corpos gordos (assim como demais instâncias da sociedade), e isto, contribui cada vez mais para ascensão de uma sociedade lipofóbica e gordofóbica que naturaliza corpos padronizados tidos como magros e saudáveis.

Ademais, pontua-se que o gordo é visualizado de forma altamente depreciativa, estigmatizante e reducionista, é como se o fato de ser gordo condenasse o sujeito ao exílio²² perpétuo proveniente dos padrões impostos pela sociedade e, não diferentemente, pelos discursos midiáticos – os quais colocam em evidência o corpo magro como sendo a tônica do ideal de corpo. Isto posto, vale mencionar que ao utilizar filmes os professores/as propiciarão aulas inovadoras, tendo o filme como ferramenta pedagógica em relação aos temas emergentes da sociedade os quais refletem as realidades socioculturais, possibilitando aos alunos/as conhecerem outros modos de vida, outras formas de sociabilidades, de ampliação do repertório cultural, etc.

Uma vez que o filme, como subsídio audiovisual, promove potentes aulas, já que trabalhar com filmes significa proporcionar dimensões da mídia-educação o “com”, “sobre” e “através”. Nesse sentido, a partir dos filmes é possível relacionar o cotidiano das pessoas com as abordagens fílmicas. Assim, pensando no processo de ensino e de aprendizagem, o uso dos filmes se caracteriza como um mecanismo de intervenção didático-metodológico importantíssimo para educação, justamente por

²² O exílio é o estado de estar longe da própria casa (seja cidade ou nação) e pode ser definido como a expatriação, voluntária ou forçada de um indivíduo. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ex%C3%ADlio>. Acesso: 30/11/2021.



RELICI

130

possibilitar ao professor/a introduzir de forma agradável novos conceitos e estimular a construção do conhecimento, auxiliando a/o aluna/o tanto a superar suas dificuldades relacionadas à aprendizagem como a compreender, valorizar e respeitar as diferenças presentes na vida em sociedade. Fato este que promoverá a democratização dos saberes com aulas realmente inclusivas, assim, contribuindo para promoção do respeito à diversidade e o pleno desenvolvimento da cidadania.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. A.; SANTIAGO, A. C.; SANTOS, M. A. Obesidade na adolescência: Enfrentando o preconceito. **Investigação Qualitativa em Saúde**, São Paulo, v. 1, p. 49-54, 2015.

ARNAIZ, M. G. De la lipofobia al lipofobismo: imágenes y experiencias en torno de la obesidade. **Salud(i)Ciencia**, Espanha, v. 20, p. 382-388, 2014.

BARBOSA, M. V.; MILLER, S.; MELO, S. A. **Teoria histórico-cultural: questões fundamentais para a educação escolar**. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2016.

BRASIL. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional** - Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. VIGITEL Brasil, 2017 - **Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico**. Ministério da Saúde. Brasília, DF. 2018.

CAETANO, V. B. L. **Não tem cabimento: corpo e subjetividade no discurso de sujeitos gordos**. 117f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Letras e comunicação da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

CALBO, A. S. Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 74-80, 2009.

CARRILHO, R. A. B. **Obesidade e formação de impressões: impacto nas interações sociais**. 63f. Dissertação de Mestrado, Universidade do Algarve, Faro, Portugal, 2013.



RELICI

131

CHAGAS, J. C.; PEDROZA, R. L. C. Patologização e Medicalização da Educação Superior. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 32, n. esp, p. 1-10, 2016.

CONDE, W. L. *et al.* Estado nutricional de escolares adolescentes no Brasil: a Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 1-12, 2018.

CORTES, R. Gordofobia Preconceito – Definição, Significado e dados no Brasil. **Quero Viver Bem**, 18 maio 2018. Disponível em: <<https://www.queroviverbem.com.br/gordofobiapreconceito/>>. Acesso em: 28 nov 2021.

ESTANISLAU, G. M.; BRESSAN, R. A. **Saúde mental na escola**: o que os educadores devem saber. São Paulo: Artmed, 2014.

FANTIN, M. Mídia-educação e cinema na escola. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 15- 16, jan./dez, 2007.

FANTIN, M. Mídia-educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 14, n. 1, p. 27- 40, 2011.

FELIPPE, F. M. L. Obesidade como um problema social: novas demandas profissionais ao serviço social. **Katálysis**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 239-248, 2004.

FISCHLER, C. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT' ANNA, D. B. (org.). **Políticas do Corpo**: Elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 69-80

FREITAS, L. M. M. **O processo de estigmatização em Goffman e a interação entre indivíduos e grupos sociais**. In: IV Congresso em Desenvolvimento Social, 2014, Montes Claros - MG. IV Congresso em Desenvolvimento Social: "Mobilidades e Desenvolvimentos" - Programação e caderno de resumos. Montes Claros - MG: Editora Unimontes, p. 63-64. 2014.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara S.A., 1988.



RELICI

GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. P. Somatótipo de crianças e adolescentes do município de Londrina. **Rev. Bras. cineantropom. desempenho hum**, Paraná, v. 1, n. 1, p. 7-17, 1999.

KLINE, L. *et al.* A research agenda to guide progress on childhood obesity prevention in Latin America. **Obesity reviews**, v. 18, n. 2, p. 19-27, 2017.

KUK, J. L. *et al.* Individuals with obesity but no other metabolic risk factors are not at significantly elevated all-cause mortality risk in men and women. **Clinical Obesity**, Hoboken, v. 8, n. 5, p. 305-312, 2018.

LOPES, F. Para além da barreira dos números: desigualdades raciais e saúde. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 1595-1601, 2005.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento: Conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez. 2014.

MANTOAN, M. T. E. O direito de ser, sendo diferente, na escola. **Revista CEJ**, Brasília, n. 26, p. 36-44, 2004.

NERY, J. O. Gordofobia: discursos e estratégias de empoderamento de mulheres gordas ao preconceito. In: XIII ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIF, 4, 2017. Fortaleza – CE, **Anais**. Fortaleza: Centro Universitário 7 de Setembro, 2017.

NEVES, J. Pesquisa qualitativa - características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

NOVAES, J. V.; VILHENA, J. De Cinderela a Moura Torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. **Interações, Estudos e Pesquisas psicológicas**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 9-36, 2003.

PAIM, M. B.; KOVALESKI, D. F. Análise das diretrizes brasileiras de obesidade: patologização do corpo gordo, abordagem focada na perda de peso e gordofobia. **Saúde e sociedade**. São Paulo, v. 29, n. 1, p. e190227, 2020.

PENAFRIA, M. Análise de Filmes - conceitos e metodologia (s). in: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, VI, 2009, Lisboa. **Anais...** Lisboa: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM),



RELICI

133

2009, p. 1-10. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>. Acesso em: 26 out 2021.

PEREIRA, M. C. **Gordofobia: uma análise sobre a percepção de discriminação baseada no peso**. 185 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico), Universidade de Fortaleza. Programa de Mestrado Em Psicologia, Fortaleza, 2019.

PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE DO ESCOLAR/IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9134-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em: 19 nov 2021.

PIÑEYRO, B. M. **Stop gordofobia: y las panzas subversas**. Málaga: Zambra y Baladre, 2016.

PINHEIRO, A. B. T. **Menina gorda não tem vez: problematizando a gordofobia e as consequências no desenvolvimento das crianças e adolescentes**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2018.

PINTO, M. S. **Muito mais do que pe(n)sam: percepções e experiências acerca a obesidade entre usuárias da rede pública do município de Fortaleza – Ceará**. 113f. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil. 2009.

RANGEL, N. F. A. **O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados**. 207f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

RUDEK, K.; SANTOS, E. G.; HERMEL, E. E. S. Análise fílmica de “Preciosa” e “Maushábitos”: possíveis discussões de saúde no ensino de ciências. **Educação & linguagem**, v. 22, n. 2, p. 87-106, jul/dez, 2019.

SANTOLIN, C. B.; RIGO, L. C. O nascimento do discurso patologizante da obesidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 81-94, 2015.

SILVA, C. V. C.; DESLANDES, S. F. Fat persons' suffering in the search for health care: reports of a YouTube activist against fatphobia. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, p. e256101421911, 2021.



RELICI

134

SILVA, M. O. **Corpo, cultura e obesidade: desenvolvimento de posicionamentos dinâmicos de si em mulheres submetidas à gastroplastia**. 226f. (Tese de Doutorado em Processos de desenvolvimento humano e saúde Instituição de Ensino), Universidade de Brasília, Brasília. 2017.

SILVA, S. S. **As questões de gênero sob as lentes do cinema: uma análise a partir do filme “hoje eu quero voltar sozinho”**. 91f. Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal de Sergipe. Programa de Pós-graduação em Educação, São Cristóvão, 2017.

SOUZA, V. C. S.; GONÇALVES, J. P. Gordofobia no espaço escolar: uma análise histórico-cultural. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté/SP, v. 14, p. e25, 2021.

SUDO, N.; LUZ, M. O gordo em pauta: representações do ser gordo em revistas semanais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, n. 4, p. 1033-1040, 2007.

VIGARELLO, G. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade no ocidente da idade média ao século XX. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

WHO. World Health Organization. Obesity: Preventing and managing the global epidemic. Report of a WHO Consultation on Obesity. Geneva: WHO; 1998.

WHO. World Health Organization. Report of the commission on ending childhood obesity. Washington: WHO, 2016.